

GRUPOS OPERATIVOS

INTRODUÇÃO

A Estratégia da saúde da família (ESF) é caracterizada pela multidisciplinaridade do trabalho em equipe. Uma das principais ferramentas para promoção da saúde, prevenção (primária ou secundária) de doenças e integralidade é o trabalho em grupo.

O texto a seguir caracteriza grupo e seus fenômenos, focaliza grupos operativos e apresenta formas de trabalhar estes grupos na prática diária da ESF.

O tema foi escolhido para estudo pela grande necessidade de bases teóricas e redução do empirismo vigente da prática clínica atual.

O GRUPO E SEUS FENÔMENOS

Para ser caracterizado um grupo é preciso que:

- Os integrantes estejam reunidos em torno de um interesse comum;
- No grupo, o "todo é maior do que as partes" se constituindo como uma nova identidade sendo mais do que apenas o somatório dos seus membros;
- É preciso que se mantenham discriminadas as identidades individuais, de forma que as pessoas mantenham a sua individualidade e não virem uma massa indiscriminada;
- É preciso que haja alguma forma de interação afetiva entre os membros do grupo, e seja estabelecido algum tipo de vínculo entre os integrantes;
- É inerente à formação de um grupo a presença de um "campo grupal dinâmico", onde transitam fantasias e ansiedades. Zimerman (1997) descreve seis fenômenos importantes que definem o campo grupal:
 - 1) A *ressonância*, que é um fenômeno comunicacional, onde a fala trazida por um membro do grupo vai ressoar em outro, transmitindo um significado afetivo equivalente, e assim, sucessivamente.
 - 2) O fenômeno do espelho, conhecido como *galeria dos espelhos*, onde cada um pode ser refletido nos, e pelos outros; o que nada mais é, do que a questão da identificação, onde o indivíduo se reconhece sendo reconhecido pelo outro, e assim vai formando a sua identidade;
 - 3) A função de "*continente*", ou seja, o grupo coeso exerce a função de ser continente das angústias e necessidades de cada um de seus integrantes.
 - 4) O fenômeno da *pertencência*, chamado por Zimerman de vínculo do reconhecimento, que é "*o quanto cada indivíduo necessita, de forma vital, ser reconhecido pelos demais do grupo com o alguém que, de fato, pertence ao grupo. E também alude à necessidade de que cada um reconheça o outro com o alguém que tem o direito de ser diferente e em ancipado dele*" (1997: 39);
 - 5) A *discriminação*, que é a capacidade de fazer a diferença entre o que pertence ao sujeito e o que é do outro; ou seja, diferenciar entre fantasia e realidade, presente e passado, entre o desejável e o que é possível naquele momento, etc.

6)A *com unificação*, seja ela verbal ou não-verbal, fenômeno essencial em qualquer grupo onde mensagens são enviadas e recebidas, podendo haver distorção e reações da parte de todos os membros do grupo.

GRUPOS OPERATIVOS

Zimerman (1997) classifica, dois tipos de grupos, segundo o critério de finalidade, em operativos e psicoterápicos.

A teoria e técnica de grupos operativos, foi desenvolvida por Enrique Pichon-Rivière (1907-1977), médico psiquiatra e psicanalista de origem suíça, que viveu na Argentina desde seus 4 anos de idade. O fenômeno disparador da técnica de grupos operativos, foi um incidente vivido no hospital psiquiátrico De Las Mercês, em Rosario, onde desempenhava atividades clínicas e docentes. Esse incidente foi a greve do pessoal de enfermagem desse hospital. Para superar aquela situação crítica, Pichon-Rivière colocou os pacientes menos comprometidos para assistir aos mais comprometidos. Observou que ambos, subgrupos, apresentaram significativas melhoras de seus quadros clínicos. O novo processo de comunicação estabelecido entre os pacientes e a ruptura de papéis estereotipados - o de quem é cuidado, para o de quem cuida - foram os elementos referenciais do processo de evolução desses enfermos. Intrigado com esse resultado passou a estudar os fenômenos grupais a partir dos postulados da psicanálise, da teoria de campo de Kurt Lewin e da teoria de Comunicação e Interação. As convergências dessas teorias constituíram-se nos fundamentos da teoria e técnica de grupos operativos de E. Pichon-Rivière. (Abduch)

Em relação aos grupos operativos, a sua sistematização foi feita por Pichon Rivière desde 1945, que definiu grupo operativo como "*um conjunto de pessoas com um objetivo em com um*". Os grupos operativos trabalham na dialética do ensinar-aprender; o trabalho em grupo proporciona uma interação entre as pessoas, onde elas tanto aprendem como também são sujeitos do saber, mesmo que seja apenas pelo fato da sua experiência de vida; dessa forma, ao mesmo tempo que aprendem, ensinam também..

Os grupos operativos abrangem quatro campos:

- Ensino-aprendizagem: cuja tarefa essencial é o espaço para refletir sobre temas e discutir questões
- Institucionais: grupos formados em escolas, igrejas, sindicatos, promovendo reuniões com vistas ao debate sobre questões de seus interesses.
- Comunitários: utilizados em programas voltados para a Promoção da Saúde, onde profissionais não-médicos são treinados para a tarefa de integração e incentivo a capacidades positivas.
- Terapêuticos: objetiva a melhoria da situação patológica dos indivíduos, tanto a nível físico quanto psicológico, são os grupos de auto-ajuda, Alcoólicos Anônimos, etc. (Zimerman, 1997:76)

Pode-se pensar os grupos voltados para a Promoção da Saúde, como estratégias ou espaços, onde possa se fazer uma escuta, para as necessidades das pessoas. Os grupos devem se configurar, como espaços onde as pessoas possam falar sobre seus problemas, e buscar soluções, conjuntamente com os profissionais, de forma que a informação circule, da experiência

técnica à vivência prática das pessoas que adoecem. Nos diz Valla, "um *envolvim ento com unitário, pode ser um fator psicossocial significativa na melhoria da confiança pessoal, da satisfação com a vida e da capacidade de enfrentar problemas. A participação social pode reforçar o sistema de defesa do corpo e diminuir a suscetibilidade à doença.*" (1999: 10).

Pichon define como princípios organizadores de um grupo operativo o Vínculo e a Tarefa.

Vínculo

O vínculo é um processo motivado que tem direção e sentido, isto é, tem um porquê e um para quê. Identificamos se o vínculo foi estabelecido, quando ocorre uma mútua representação interna. Cada pessoa se relaciona de acordo com seus modelos inaugurais de vinculação, de acordo com suas matrizes de aprendizagem, e tende a reeditar esse modelo em outras circunstâncias, sem levar em conta a realidade externa, o inusitado, repetindo padrões estereotipados, resistindo que algo, verdadeiramente, novo aconteça.

Tarefa

Tarefa é um conceito dinâmico que diz respeito ao modo pelo qual cada integrante interage a partir de suas próprias necessidades. Necessidades essas, que para Pichon-Rivière, constituem-se em um pólo norteador de conduta. O processo de compartilhar necessidades em torno de objetivos comuns constitui a tarefa grupal. Nesse processo emergem obstáculos de várias naturezas. Diferenças e necessidades pessoais e transferenciais, diferenças de conceitos e marcos referenciais e do conhecimento formal propriamente dito.

Um grupo operativo pressupõe aprendizagem. Aprender na ótica pichoneana é sinônimo de mudança. E nessa mesma ótica, em toda situação de mudança são mobilizados dois medos básicos: da perda e do ataque. Medo de perder o já estabelecido, o já conquistado e conhecido. O de ataque é o de como ficarei numa situação não conhecida, como darei conta "do que está por vir a ser... mas ainda não é..."

É muito natural que um grupo se resista a entrar em um processo de aprendizagem, uma vez que esta acarretará mudanças. O processo de elaboração dessa resistência, gerado pelos medos básicos, indica que o grupo está a caminho do projeto. A esse fenômeno dá-se o nome de pré-tarefa.

Quando o grupo aprende a problematizar, verdadeiramente, os obstáculos que emergem na concretização de seus objetivos, dizemos que entrou em tarefa, pois podem elaborar um projeto viável e, dessa forma, torna-se um grupo que opera mudanças.

Estrutura e dinâmica grupal

Estruturalmente, um grupo operativo é composto pelos seus integrantes e os facilitadores. Os integrantes entram em tarefa por meio de um disparador temático, a partir do qual, o grupo passa a operar ativamente como protagonista. O grupo deve saber, as normas básicas do funcionamento do grupo (objetivos, local, horários). Esses limites funcionais, constituem-se no enquadre grupal. Compete aos facilitadores de grupos operativos, dinamizar o processo, na medida em que cria condições para comunicação e diálogo e auxilia o grupo a elaborar os obstáculos que emergem na realização da tarefa. Cada integrante do grupo comparece

com sua história pessoal consciente e inconsciente, isto é, com sua verticalidade. Na medida que se constituem em grupo, passam a compartilhar necessidades em função de objetivos comuns e criam uma nova história, a horizontalidade do grupo, que não é simplesmente a somatória de suas verticalidades, pois há uma construção coletiva, resultante da interação de aspectos de sua verticalidade, gerando uma história própria, inovadora que dá ao grupo sua especificidade e identidade grupal. A resistência à mudança, aliada às diferenças interpessoais e o compartilhar necessidades, faz surgir um processo contraditório e confusional em determinados momentos do grupo, tornando-se obstáculo na comunicação, dificultando para sua operatividade no sentido de suas metas. Esses obstáculos precisam ser conhecidos, para poder ser superados, senão, cria-se um ruído na comunicação, levando muitas vezes o grupo a sua dissolução. Essa dinâmica grupal não é linear ou cumulativa, ela ocorre num movimento dialético, onde cada alvo alcançado transforma-se imediatamente, em um novo ponto de partida. É permeados de perdas e ganhos, os quais devem ter uma resultante positiva e portanto operativa. São nessas idas e vindas do movimento dialético, que vão ocorrendo os ajustes e correções de conceitos, preconceitos, tabus, fantasias inconscientes, idéias preconcebidas e estereotipadas, desenvolvendo uma atitude plástica e criativa. Aprender em grupo, não significa obter um conhecimento formal, mas uma atitude mental aberta, investigatória e científica. Aprender, vem a ser uma nova leitura da realidade e apropriação ativa da mesma, no aqui, agora e comigo. Não estando somente no discurso, mas nas ações do dia a dia. Essa aprendizagem mobiliza mudanças, onde o integrante deixa de ser espectador e passa a ser o protagonista de sua história e da história de seu grupo. Parte da informação, apropria-se dela e transforma - a em gestos. Deixa de ser aluno que recebe passivamente informações e passa a ser aprendiz que, ao fazer, vai aprendendo.

FORMAS DE TRABALHAR O GRUPO OPERATIVO NA PRÁTICA DIÁRIA

A escolha da forma de trabalho dependerá de diversos fatores, entre eles: o objetivo do grupo e o público participante, preparo dos profissionais facilitadores, número e intervalos entre os encontros, etc.

Objetivos e integrantes

Os grupos vinculados por patologias (HAS, Diabetes, Asma, saúde mental, desnutrição, dependência química, etc), destinados à educação como forma de prevenção dos agravos e muitas vezes usados indevidamente como forma de controle clínico dos pacientes, que vão aos grupos para aferirem dados vitais, trocarem receitas sem passarem por consulta médica.

Os grupos de promoção da saúde, formados por fases do ciclo de vida (gestantes, puericultura, adolescentes, climatério, terceira idade, etc), que homogeneizam os participantes não pela doença e sim pela perspectiva de mudança de modos de vida, são os preconizados no documento das diretrizes da PBH para a organização da Atenção básica na rede municipal de saúde de 09/2006.

Outro tipo de estruturação são os grupos heterogêneos, que englobam pessoas de todas as idades, saudáveis ou não, que estejam interessadas em aumentar a qualidade de vida, como exemplo temos o GVS (Grupo de Vida Saudável) já em prática há mais de 2 anos na ESF da CASSI (empresa de saúde suplementar dos funcionários do Banco do Brasil).

Preparo dos facilitadores

Os cursos de graduação em medicina geralmente não contemplam de forma adequada o preparo do profissional para a formação e condução de grupos operativos. O profissional muitas vezes acaba formando grupos de forma empírica ou “copiando” práticas de grupos comunitários sem o embasamento teórico que ajuda a compreender, lidar e interagir de forma adequada com o grupo .

Freqüência dos encontros

A periodicidade e número das reuniões irão variar de acordo com os objetivos dos grupos.

Os grupos vinculados por patologias, os mais freqüentes na prática diária dos centros de saúde, costumam (se também forem para consultas clínicas e troca de receitas) ,ter intervalo entre as reuniões de 2 a 3 meses e número de encontros indeterminados (durante o evento da patologia).

Os grupos de promoção da saúde, com vínculo nos ciclos de vida, normalmente com menor intervalo entre as reuniões (geralmente mensais) e número de encontros pré determinados pela própria etapa de vida .Os participantes (assim como nos grupos vinculados por patologias) podem variar de um encontro para outro, entrando para o grupo durante o funcionamento do mesmo ,o que dificulta a formação do campo grupal dinâmico (descrito anteriormente)

O GVS (grupo de vida saudável / CASSI) tem número de encontros pré estabelecidos (4 encontros) com menor intervalo entre as reuniões (1 a 2 x por semana) e os participantes são os mesmos do início ao fim ,o que facilita o campo grupal e a personalização do trabalho voltado para a identidade do grupo formado.

Instrumentos de trabalho

A escolha do instrumento de trabalho variará entre os objetivos do grupo, recursos didáticos disponíveis (TV, vídeo, som, quadros ,material esportivo ,etc) e identidade do grupo. Entre os vários instrumentos para o trabalho estão os jogos lúdicos, muito interessantes e produtivos. Como exemplo temos os grupos do ambulatório Borges da Costa com pacientes diabéticos, descrito por Heloisa de Carvalho e Torres (vide referências)

Dicas a serem consideradas na organização de um grupo:

- Tamanho do grupo: a principio se trabalha com grupos pequenos de 12-25 indivíduos.
- Local de trabalho: deve ser adequado para as atividades esperadas
- Horários pré-estabelecidos de início e término.
- Definir o contrato de trabalho para as reuniões, horários pré estabelecidos de início e término ,periodicidade e freqüência ,não aceitar membros que estão faltando muito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os grupos operativos são ferramentas de incorporação do saber caracterizados pela didática horizontal que torna o indivíduo um agente ativo e responsável da mudança de hábitos .Além de serem instrumentos de acolhimento, vínculo ,integralidade ,cooresponsabilidade e trabalho em equipe : A tradução mais pura da ESF.

REFERÊNCIAS E SUGESTÕES DE LEITURA

1)Torres,H.C.;Hortale,V.A;&Schall,V. A experiência de jogos na educação em saúde para diabéticos ; Cad.

Saúde pública,Rio de Janeiro, 19(4):1039-1047, jul-ago, 2003

Grupo de diabéticos do HC UFMG.Ink

2) 1. Pichon-Rivière E. O processo grupal. 3ª ed. São Paulo (SP): Martins Fontes; 1982.

3) Fortuna ,C. M.; Mishima,S.M. ; Matumoto, S.& Pereira,M.J.B. O trabalho de equipe no programa de saúde da família: reflexões a partir de conceitos do processo grupal e de grupos operativos, *Rev. Latino-Am. Enfermagem* vol.13 no.2 Ribeirão Preto Mar./Apr. 2005

gesf gop Team work in a family health care program the team process concept and operational teams.Ink

4) ZIMERMAN, D. E. & OSORIO,L .C [et.al] "Como trabalhamos com grupos" Porto Alegre, 1997 Artes Médicas

5) Abduch ,C. Grupos Operativos com Adolescentes ,BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. *Cadernos, juventude saúde e desenvolvimento*, v.1. Brasília, DF, agosto, 1999. 303p.

Grupos Operativos com Adolescentes.Ink

6) Teixeira, M.B. Empoderamento de idosos em grupos direcionados à promoção da saúde. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2002. 105 p.

Teses - Saúde Pública.Ink

7)Freire, P. Pedagogia do oprimido.Rio de Janeiro: Paz e terra ,1970.

8) Moraes, A.S., Carrara, C.B.B., Lenz, I., Roncato, I., Figlioto, N.J.B., Floriani, R., Gestantes soropositivas e o acompanhamento em grupo junto a um ambulatório DST/AIDS

Grupos de gestantes portadoras de HIV.Ink

8) Robaina, J.V.L., Nectoux, M.S., TRABALHANDO COM FAMÍLIAS: DESENVOLVENDO A METODOLOGIA DO GRUPO OPERATIVO COM USUÁRIOS DE DROGAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL NO ABRIGO MUNICIPAL MARLENE



GO familias X drogatição.Ink